

M 547

M 417

M 425

Redis ME

3.2.62

13.10.62

DN

~~DN~~

16.1.57
Livro - Através

As Pitangueiras

1232 D'antanho

RUBEM BRAGA

TEM seus 23 anos, e eu a conheço desde os oito ou nove, sempre assim, meio gordinha, engraçada, de cabelos ruivos. Foi criada, a bem dizer, na areia do Arpoador; nasceu e viveu em uma daquelas ruas que vão de Copacabana a Ipanema, de praia a praia. A família mudou-se quando a casa foi comprada para a construção de um edifício.

Certa vez me contou:

«Em meu quarteirão não há uma só casa de meu tempo de menina. Se eu tivesse passado anos fora do Rio e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores. E' como se eu não tivesse tido infância...»

Falta-lhe uma base física para a saudade. Tudo o que parecia eterno sumiu.

☆ ☆ ☆

Outra senhora disse, então, que se lembrava muito de que, quando era menina, apanhava pitangas em Copacabana; depois, já môça, colhia pitangas na Barra da Tijuca; e hoje não há mais pitangas. Disse isso com uma certa animação, e depois ficou um instante com o ar meio triste — a melancolia de não ter mais pitangas, ou, quem sabe, a saudade daquela manhã em que foi com o namorado colher pitangas.

Também em minha infância havia pitangueiras de praia. Não baixinhas, em moitas, como aquelas de Cabo Frio, que o vento não deixa crescer; mas altas; e suas copas se tocavam e faziam uma sombra varada por pequenos pontos de sol. O que foi dito em um soneto lido na adolescência (acho que o soneto é de B. Lopes) onde «o sol bordava a pino, sôbre a areia, um crivo de ouro num cendal de prata», o que pode ser um tanto precioso mas é lindo, mesmo a gente não sabendo o que é cendal. Nesse soneto havia um bando alegre de gente môça — esqueci as palavras, mas me lembro que as môças colhiam pitangas «e os rapazes, namoradas».

DN - 11.8.67

330